

**Horácio de Almeida**

# **AUGUSTO DOS ANJOS**

**UM TEMA PARA DEBATES**

**Apex Gráfica e Editôra Ltda.**

**Rio — 1970**



1891

Separata do Vol. 77 da Revista das Academias de Letras  
Edição de 200 Exemplares



405.404 d  
(972)

921

Faz 55 anos que Augusto dos Anjos fechou os olhos para o mundo, mas continua vivo, tão vivo como em 1912, quando publicou o *Eu*. De então para cá tem sido o poeta mais lido e mais discutido do Brasil, nem sempre bem compreendido.

A princípio, sua obra só mereceu apreciação do ponto de vista estético, com aplausos de uns e restrições de outros. Mesmo assim, sob a influência única do critério impressionista, que era a visão crítica da intelectualidade brasileira, as edições do *Eu* se sucediam, sempre esgotadas. Em 50 anos foi êsse livro editado 30 vezes, o que, só por si, representa uma consagração das mais expressivas, num país de poucos leitores como o nosso.

Escapando da incompreensão impressionista, chegou o nosso poeta a ser convertido em objeto de estudos psiquiátricos e não psicanalíticos, como se o diagnóstico, no caso, abrisse caminho para a análise crítica. Confinado, assim, nesse campo de especulação nosológica, serviu até de tema, lá na Bahia, para uma tese de doutoramento, de onde saiu classificado com a balda de melancólico, que é, na realidade, uma psicose maníaco-depressiva. Um escritor da minha terra, a Paraíba, não tardou em lançar um ensaio intitulado — *Augusto dos Anjos — Poeta da Morte e da Melancolia*. Se a melancolia é, como dizem, um abatimento do espírito, parece evidente que dessa morbidez não sofria o poeta, pois ao melancólico faltam condições para realizar-se artísticamente.

Também ninguém poderá dizer fôsse Augusto dos Anjos um homem normal. Sua obra poética espelha as desordens psíquicas que amiúde o acometiam. Fôrça será reconhecer que havia na família antecedentes hereditários. Seu pai, homem versado em humanidades, morreu de paralisia geral e sua mãe, desde que êle nasceu, ficou desajustada da mente,

---

\* Conferência pronunciada na Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, a 16 de abril dêste ano (1970).

com preocupações de fidalguia e grandeza. Ele mesmo informa que ela era excessivamente nervosa, no inquérito promovido por Licínio Santos, em *A Loucura dos Intelectuais*, Rio, 1914, pg. 201.

Para desvendar o mundo subjetivo que estua no *Eu*, palpitante de lágrimas e sangue, só a crítica metodológica, de fundo psicológico. Já nesse sentido publiquei um ensaio, lançado em 1962, como despretensiosa contribuição ao cíntercentário do aparecimento do *Eu*. Sem desdouro da modéstia que forcejo por cultivar, estou convencido que penetrei um pouco a alma do poeta, lobiogando nela alguma coisa não revelada até então por qualquer dos seus críticos.

Pareceu-me ver na vida de Augusto um amor sacrificado na idade em que mal havia penetrado a adolescência. Teria 16 anos quando o vento que a desgraça espalha rugiu sobre ele. Viu desfeito, por modo violento, o sonho que enchia de venturas o desabrochar de sua existência. Maior a sua compunção moral por não poder tomar uma atitude de reação que o acalmasse perante a própria consciência. Todo esse quadro eu vislumbrei através do *Eu* e então afirmei que exatamente aí, no capítulo do amor, é que devia começar o trabalho de pesquisa para uma verdadeira interpretação da obra poética de Augusto dos Anjos.

Ninguém até então admitia tal hipótese. Os que assim pensavam, inclusive os que privaram da sua intimidade, fiavam-se no próprio poeta, que era o primeiro a declarar:

Não sou capaz de amar mulher alguma  
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

Outras afirmações de igual teor consignou no *Eu*, como quem afeta superioridade em questões de amor. Apenas estava sufocando os conflitos da alma, porque ninguém despresa o amor senão quando tem o coração ferido. Dêle jamais se arrancaria uma palavra sobre o drama que o fêz infeliz. Assim vai hermético até o fim e deixa que o tenham na conta de uma alma insensível aos encantos da vida. Guarda vigilante essa atitude mental, mas sempre transparece, aqui ou acolá, um tênué fio que a custo levará o investigador ao mundo sombrio, onde sua alma se debate, entre amor e ódio, num caso doloroso de consciência.

Foi uma tragédia para ele o seu primeiro amor, conforme demonstrei no ensaio a que já me referi. Nunca ninguém

havia levantado a ponta da cortina para revelação dessa verdade, que era guardada a sete chaves, como segredo de família. As pesquisas que fiz foram tôdas através do *Eu*, debruçado sobre êsse livro no trabalho pertinaz de decifrar os símbolos, que desafiavam a minha curiosidade de simples leitor.

\* \* \*

Depois que lancei o meu ensaio, a bibliografia sobre Augusto dos Anjos ganhou novas contribuições. Aqui me refiro sómente aos autores paraibanos que bordejaram o assunto com o intuito velado de discrepar de minha opinião.

O primeiro foi José Américo de Almeida, numa conferência realizada em João Pessoa, em 1962, com o título — *Augusto dos Anjos — O Homem e o Poeta* — enfeixada mais tarde no livro *Discursos do seu Tempo*, edição da Universidade da Paraíba, 1965.

Como o tema da angústia estava levantado por mim, procurou justificá-lo o eminente escritor paraibano com base na pobreza do poeta. Argumenta que a família foi perdendo pouco a pouco o seu patrimônio imobiliário, até que lá se foi o engenho Pau d'Arco. Deste modo, sem mais os bens de fortuna, aparece o poeta com os trastes na cabeça, de uma casa para outra. Só no Rio de Janeiro mudou de residência sete vezes em dois anos. A vida precária que levava devastava tôdas as suas energias. Sustentando essa tese, acaba por afirmar que a tristeza que vinha do berço se tornou mais fúnebre, até exaurir-se em desespôro.

Essa mesma interpretação foi também adotada por Francisco de Assis Barbosa, na introdução que escreveu para a 29ª edição do *Eu*, lançada pela Livraria São José, em 1962. Pretendeu fazer da contingência da pobreza a causa de toda a angústia do poeta.

Mas a pobreza nunca foi motivo de angústia para o autor do *Eu*. Não há um só verso em toda esta obra que autorize a tirar semelhante conclusão. É obra que fala por si e que varia os tempos como expressão de arte e expressão de vida.

Quando o engenho Pau d'Arco foi vendido, em agosto de 1910, Augusto dos Anjos já estava casado e nesse mesmo ano deixava definitivamente a Paraíba com destino ao Rio de Janeiro. Toda a produção poética do *Eu*, edição de 1912, já estava composta muito antes da venda do engenho. A pro-

dução foi trazida da Paraíba para divulgação em livro na edição que demorou um pouco a sair.

Cumpre ainda notar que a pobreza não era tão grande como se alega. Deslembra-se Francisco de Assis Barbosa de haver dito na sua pouco feliz introdução ao *Eu* que Augusto dos Anjos andara cogitando de comprar uma casa no Rio para acomodar a família e tinha ainda a intenção de mandar buscar para a sua companhia uma irmã solteira que ficara morando na Paraíba.

O dinheiro não resolveria jamais os problemas que Augusto trazia na alma. Logo, a invocada razão de pobreza poderia a outrem causar amarguras, menos a ele. Todos sabemos que Cruz e Sousa morreu acabrunhado por ver os filhinhos de mãos estendidas sem ter com que lhes mitigasse a fome. Essa dor tão acerba deixou vertida em mais de uma composição, mas em Augusto ninguém aponta um verso que aluda a necessidades materiais.

\* \* \*

Um outro conterrâneo ilustre, J. Flóscolo da Nóbrega, meu saudoso confrade na Academia Paraibana de Letras, escrevera certa vez que Augusto era um cerebral, escravo do raciocínio frio. Estranhei essa afirmativa por me parecer de todo insustentável. Fôsse Augusto um cerebral teria encontrado satisfação na filosofia racionalista e não viveria, como viveu, em eterno conflito com as suas percepções sensoriais.

Mas o meu amigo Flóscolo da Nóbrega não admitia ser retrucado, principalmente por mim. Deixou passar algum tempo e eis que escreveu a *Sombra do Eu*, livrinho saído pelo Departamento Cultural da Universidade da Paraíba, 1965, só para sustentar o cerebralismo de Augusto. Vê, portanto, no cerebral, de fontes afetivas ressequidas, a feição abstrativa da sua poesia, filtrada pelo intelecto e tematizada nas especulações do cientficismo. Esse livro foi escrito com enderêço a mim, embora o meu nome não apareça citado uma única vez.

Não sei como conciliar coisas tão divergentes. O cerebral tem que ser por força um racional e Augusto estava longe disso. Quem age pela razão tem que subordinar tôdas as suas paixões ao raciocínio, sem sentimentalismo, sem impulsos do coração, porque as emoções da alma são incompatíveis com o comando do cérebro.

Se Augusto era um cerebral, escravo do pensamento, vivendo a vida seca e fria das abstrações, como explicar então a sua inquietação religiosa, o sentimento de desamparo que tanto o afligia, o demônio da dúvida que ateava nêle um incêndio na alma, os mitos que o atormentavam com alucinações noturnas, povoando-lhe o cérebro de figuras espetrais de bôcas tronchas, duendes dando pancadas no adro das igrejas, danças macabras de esqueletos, pensamentos oníricos sobre os temas da dor, da doença, da morte, tudo, enfim, quanto é sepulcral, tudo quanto causa medo, tudo quanto prosterne o homem, até mesmo a virtualidade espiritual que via na matéria bruta?

Decididamente, Augusto não podia ser um cerebral. Toda a sua poesia revela a fuga do real, a fuga para o desconhecido.

\* \* \*

Depois de Flóscolo da Nóbrega, surge na liça dos escritores paraibanos Ademar Vidal com *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*, lançado pela José Olímpio Editôra, em 1967. Embora não me dê a honra de uma passageira referência pessoal, o intuito de Ademar Vidal é, evidentemente, o de contraditar a minha opinião sobre a singular personalidade de Augusto dos Anjos e sobretudo os motivos que o fizeram ficar assim tão triste.

O poeta, no seu entender, era um homem alegre, cordial, expansivo. Diz que tem autoridade para afirmar isso porque foi seu aluno particular na Paraíba, com o privilégio de ser aluno único. A aula funcionava na casa onde morava Augusto dos Anjos, de modo que só ele agora é senhor das intimidades que descreve, muitas das quais desabonadoras da compostura moral do poeta.

Não menciona em que data estudou, mas de um tópico caído por descuido da pena sabe-se que foi no ano em que Augusto se casou. Ora, isso aconteceu em 1910, devendo o aluno orçar então pelos 12 anos de idade e já era tempo de guardar com mais seriedade os fatos presenciados. Durante boa parte do ano, segundo narra, ia todo dia à casa do mestre, que o recebia de braços abertos, farfalhante de alegria, porque era, na realidade, de uma alegria contagiante. E como falava! Não parava um só instante de expandir-se, como se ali estivessem dois rapazes bem divertidos na mais deleitável cavaqueira.

Esse depoimento do ilustre procurador da República não só entra em choque com a obra poética de Augusto dos Anjos, que é tôda ela um brado de tormento, como desmente Orris Soares, Raul Machado, Santos Neto, José Américo de Almeida, Álvaro de Carvalho, Celso Mariz e outros dignos paraibanos que conheceram de perto o autor do *Eu* e sobre ele escreveram. São todos concordes em afirmar que Augusto se singularizava pelo seu temperamento retraído, homem caladão, agreste, misantropo, que não se abria nem mesmo para os melhores dos seus amigos.

Mas há coisa pior, muito pior, na descaracterização do retrato que Ademar Vidal faz de Augusto. Parece até obra arquitetada para demolir o poeta, quando na verdade a intenção do autor era a de fazer o elogio. Às vezes, acontece isso. O indivíduo vai louvar outro e o ofende bárbaramente.

A aula funcionava na sala da frente. Mal o aluno chegava, o professor ia logo tirando a chinela dos pés e, sentado no sofá, de pernas cruzadas, naquela postura de Buda, começava a explicar a lição. Enquanto falava, os dedos das mãos mexiam nos dedos dos pés. Em seguida, como se isso não bastasse, metia o indicador no nariz até limpar por completo as fossas nasais. Não raro, passava a esgaravatar os dentes com as unhas. Esse lastimável quadro o autor pinta na página 15 e não satisfeito com tamanho opróbrio repete na página 22.

Diz ainda que Augusto era guloso. Quase sempre, durante a aula, comia beiju e angu de caroço. No tempo de manga chupava essa fruta com um tamanho apetite que ficava com a cara inteiramente lambuzada.

A exemplo de Humberto Nóbrega, empenha-se em apresentar o poeta como o mais amoroso dos filhos de Sinhá-Mocinha. Bate nesta tecla uma centena de vezes, como se o livro tivesse por principal objetivo agradar a família do poeta. Os compromissos do autor, a este respeito, estão manifestos na obra e ressaltam a cada passo dos elogios feitos a todos os membros da família. Além do mais, confessa haver recebido dessa mesma família as informações que fornece e tôda a correspondência doméstica divulgada no livro.

Na opinião de Ademar Vidal, repetida, aliás, muitas vezes, Augusto dos Anjos foi um homem absolutamente normal, dotado de sentimentos efusivos, sem a menor sombra de angústia que lhe toldasse o espírito.

Não bastou a Augusto ter sido um torturado em vida. Sua alma continua a sofrer nas mãos dos intelectuais paraibanos. Agora é a vez de Luís Pinto, autor de um opúsculo de dez páginas sobre o autor do *Eu*, lançado pela Academia Paraibana de Letras, em 1964.

Discordando da causa por mim apresentada como geradora dos distúrbios mentais do poeta, busca outras razões para explicá-la. Assim é que pretende encontrar na suposta influência de Baudelaire a causa de toda a angústia. Vai mais longe quando diz que a angústia do poeta era toda de ordem cultural. Baudelaire seria o responsável por isso, pois foi o autor que mais influência exerceu no processo de criação poética de Augusto dos Anjos, só porque os dois poetas se irmanam no gôsto malsão de revolver a poluição biológica.

O próprio Augusto ignoraria essa influência. Nem se trata no caso de preferências subjetivas no processo de criação artística, mas de razão de ser da angústia. Disse Augusto dos Anjos, no inquérito promovido por Licínio Santos, que os autores de sua preferência eram Shakespeare e Poe. Mesmo que ocultasse essa evidência, sua obra estaria aí para denunciá-la. Vejam-se as espadas cruzando o espaço, na visão shakespeariana de a *Ilha de Cipango*, a presença de Macbeth, na patológica vigília de *Monólogos de uma Sombra*, o Rei Lear puxando os cabelos desgrenhados, em as *Cismas do Destino*, os funerais de Hamleto, em as *Tristezas de um Quarto Minquante*.

De nada disso Luís Pinto quis saber. Sustenta contra o próprio Augusto dos Anjos que ele nenhuma influência recebeu de Shakespeare. Sómente de Baudelaire. Mas, parece certo que o improvisado crítico não conhece Baudelaire, senão através de um belo estudo que o paraibano Moacir de Albuquerque fez do poeta das *Flôres do Mal*. Palavroso e com a fogosidade barulhenta de quem possui uma natureza pouco domesticada, vai de rôjo, atropelando o leitor com idéias hauridas em segunda mão, até que despeja sobre o angustiado poeta do *Eu* esta bárbara sentença: “A angústia, aquela que nêle se notava, era a angústia da confusão cultural e ideológica, das leituras desordenadas, do ser e do não ser.”

O mal de Luís Pinto é sómente um: a facilidade ôca de escrever sem pensar no leitor e sem ligar para o terreno em que está pisando. O seu melhor livro ainda não escreveu.

Eis que surge João Lira Filho, conhecido homem de letras, com a *Lírica de Augusto dos Anjos*, Editôra Leitura, Rio, sem data. Melhor fôra passar em silêncio por sobre as 115 páginas dessa obra, mas trata-se de autor paraibano e não só por isso como pela posição de relêvo que ocupa na sociedade, reitor de uma Universidade, merece pois a atenção de um registro.

Repetidas vêzes alude às influências materialistas que dominam o poeta, responsáveis por muitas de suas idéias sombrias. Frisa com ênfase que no meio ralo do rincão onde nasceu não teria encontrado o alimento espiritual que buscava. E, procurando forrar-se na leitura dos doutos, não encontrou aí o remédio desejado, pelo que ficou a imprecar contra Deus e contra o mundo.

Em sua essência, o livrinho de João Lira Filho é de realce estético. A par disso, preocupa-se o autor em ver no môço triste do Pau d'Arco muita ternura, muito afago, muito amor. Vai além, porque vê nêle um poeta chistoso, só porque dera uma magra colaboração aos jornais humorísticos das festas das Neves, na Paraíba.

Todos sabemos que Augusto dos Anjos tem profundidade para grandes mergulhos, mas o ilustre escritor paraibano não o encara senão de relance, em alguns lances líricos do *Eu*. No final de contas, é um homem comprometido para falar, pois se confessa reverente à memória do poeta por inesquecíveis aconchegos que em menino recebera da família.

\* \* \*

Lançado pela Universidade da Paraíba, Humberto Nóbrega escreveu, em 1962, *Augusto dos Anjos e sua Época*, com o objetivo de provar três coisas:

- 1 — Que Augusto não morreu tuberculoso.
- 2 — Que devotava um afeto extremoso à sua mãe Sinhá-Mocinha.
- 3 — Que era um rapaz alegre, galanteador, pois colaborara em jornais humorísticos.

Quanto ao primeiro item, permito-me passar ao largo, pois não se compadece com o meu temperamento discutir doenças de ninguém. Apenas faço notar que ele se tinha na conta de tuberculoso e é quanto basta para agravo de sua enfermidade psíquica.

Quanto a ser filho amantíssimo, pretende-se provar êsse comportamento com as cartas que dirigira a Sinhá-Mocinha.

Algumas dessas cartas foram escritas do Rio, quando já cicatrizavam as feridas que trouxera da terra. Quem quer que leia tais documentos verá pelos termos respeitosos que nada provam com vista à efusão de amor. E conquanto não modifiquem a personalidade de Augusto, que revive na sua obra, contraponha-se a uma questão outra questão: as cartas não foram conferidas nem dado à público o original.

Resta examinar o caráter alegre e galhofeiro de Augusto. Essa graciosa imputação lhe é feita porque em tempos de estudante colaborara com alguns perfis metrificados em jornais humorísticos da Paraíba. Trata-se de colaboração paga, em estilo rebarbativo, que só com muito boa vontade pode ser enquadrada na malícia epigramática dos jornalzinhos de festa. Procura-se o sal dessa colaboração e não se encontra, porque Augusto está inteiriço nela.

Que quer então essa gente com relação ao homem triste? Quer que não abra jamais os lábios para um sorriso e ande, além disso, chorando pelos lugares ermos. De repente, Augusto virou um homem transbordante de alegria desde o momento em que se descobriu que dera uma insípida colaboração aos jornais humorísticos da Paraíba. A descoberta de Humberto Nóbrega impressionou a alguns literatos que, sem espírito crítico, veicularam o boato de que Augusto dos Anjos era um poeta facêto.

O homem do nordeste é antes de tudo um triste. Gente que trabalha o ano todo, de sol a sol, sem ir a uma festa, sem visitar um amigo, sem dar um passeio; gente que ama o silêncio, que conversa por monossílabos, que toma um trago da branquinha para despertar a alegria. Uma gente, enfim, que se acostumou ao sofrimento e dêle não pode mais fugir porque não é fácil ao homem quebrar as tradições do passado. Não apenas o nordestino, mas o brasileiro em geral traz do berço a marca da tristeza.

Dizem que o carnaval é uma festa de alegria, mas não é. Desperta mais volúpia que alegria. Diante desse abismo de sedução, com tanta música erótica, tanta bebida, tanta orgia de luxo e de plástica feminina ao natural, o homem se excita, mas não se mostra alegre.

Que Augusto dos Anjos tenha sido um folgazão, como querem os seus apologistas, é francamente de espantar. A geração que trabalha para essa tamanha contrafação da verdade é uma geração que carece em absoluto de espírito crítico e se mostra, além do mais, comprometida com o passado. De-

cidicamente, Augusto terá que esperar pela gente nova, que vem aí.

\* \* \*

O môço triste do Pau d'Arco tem sido e continuará o poeta de maior densidade na literatura brasileira. Poeta de virtudes extraordinárias para quem a prosperidade econômica jamais seria motivo de satisfação. Poeta excêntrico, cuja obra é toda ela um grito de dor que sangra por mil feridas. Mesmo dizendo blasfêmias, mesmo falando na corrupção da matéria orgânica, crepita em fagulhas de gênio.

Teve êsse poeta uma infância sem alegria no engenho Pau d'Arco. O ambiente que ali respirava asfixiava-o. Sua mãe, Sinhá-Mocinha, era quem mandava, como ditadora, naquele mundo de horizontes fechados. Seu pai, dr. Alexandre dos Anjos, homem boníssimo, de sólida cultura humanista, versado em latim, grego, matemática, ciências naturais, história e disciplinas correlatas, não mandava coisa alguma, nem na casa, nem no engenho. Mas foi êle quem pôs a carta de A-B-C nas mãos de Augusto e preparou o rapaz para os exames no Liceu Paraibano em todas as matérias do curso de humanidades.

A única exigência do pai era quanto ao aproveitamento nos estudos. Confessa o poeta que em seu tempo de menino chorou biliões de vêzes debaixo do tamarindo com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos. Os trabalhos a que alude eram os do estudo, porque outros não tinha. Alguns intérpretes chegaram a acreditar que as aulas se davam debaixo do tamarindo. Mas tal coisa não disse Augusto. A casa grande tinha sala de biblioteca, onde os estudos se faziam. Nas horas vagas, com a cabeça cheia de declinações e teoremas, é que o estudante corria para debaixo do tamarindo, o tamarindo de sua desventura, a chorar como uma vela fúnebre de cêra.

Aos 16 anos de idade apaixonou-se por uma mocinha do Pau d'Arco, que morava sob o mesmo teto, na casa grande do engenho. Era uma jovem que emigrara do sertão da Borbo-rema, tangida pela seca que expulsa do solo calcinado os moradores da terra, em levas de retirantes.

Augusto não era ainda o môço triste que depois se tornou, quando o vento da desgraça varreu a sua felicidade. Deu à amada todo o seu afeto e naquele bucólico meio os dois sentiram os corações abrassados. Na cegueira dos que amam, ela acabou se entregando a êle.

Mas o idílio durou pouco porque o caso chegou logo ao conhecimento de Sinhá-Mocinha. De pronto, a môça foi retirada para um esconderijo das vizinhanças, levando já no ventre o fruto do seu amor. Ferida na sua sensibilidade orgulhosa, Sinhá-Mocinha não podia tolerar uma semelhante união e mais revoltada ficou quando o rapaz se propôs a reparar o mal por meio do casamento. Deu-se então o desfecho trágico do drama passional, porque a môça morreu e o rapaz sofreu com êsse fato um transtorno psíquico, que o deixou sombrio para todo o sempre.

Tudo isso eu percebi lendo o *Eu*, sem perguntar nada a ninguém. As pesquisas que fiz foram tôdas através da obra poética de Augusto, conforme mostrarei logo mais. Convenido da verdade que a meus olhos perpassava no mundo misterioso do Pau d'Arco, escrevi o meu *Augusto dos Anjos — Razões de sua Angústia*, lançado em 1962.

Pouca gente na Paraíba deu crédito àquèle ensaio de interpretação. Nenhum letrado podia admitir uma hipótese tão absurda, pois numa terra onde todos os cochichos transpiram, êsse drama amoroso de Augusto nunca fôra sequer murmurado. José Américo não acreditou, Flóscolo da Nóbrega não acreditou, Osias Gomes não acreditou. Virgínius da Gama e Melo não acreditou. Logo, ninguém mais acreditaria. Se os cabeças pensantes da terra abanaram a sinagoga negativamente é porque estava a carecer de fundamento essa história de amor sacrificado na adolescência do poeta.

Argumentava-se mais que Órris Soares, amigo de Augusto desde os bancos do Liceu Paraibano, nada disse do sombrio caso de amor no prefácio que fez para a segunda edição do *Eu*, tirada na Paraíba, em 1920. Evidentemente, não diria, mesmo que soubesse, primeiro, porque era amigo da família, segundo, porque era ainda cedo para uma tal revelação.

Todos os que vieram depois de Órris se escudaram em Órris, mas é bom notar que Órris fez apenas o elogio do amigo, sem descer a exame crítico de sua obra. Fez trabalho panegírico, como panegírico é o de José Américo de Almeida, Raul Machado, Santos Neto, De Castro e Silva, Humberto Nóbrega, Ademar Vidal e João Lira Filho, para só mencionar os autores paraibanos.

José Américo de Almeida também foi amigo de Augusto e seu contemporâneo na Faculdade de Direito do Recife, formando-se um ano depois do poeta. A amizade continuou além dos bancos acadêmicos, até que Augusto deixou de vez a Pa-

raiba, em 1910. Amor do poeta só admite o que teve para casar-se. Nada, portanto, de amôres secretos na adolescência, nada de procurar a intimidade do rapaz magro no engenho Pau d'Arco. A causa da angústia não podia decorrer dessa história dramática de amor sacrificado e sim, como disse, dos motivos de pobreza.

\* \* \*

A razão, entretanto, estava comigo e já começa a ser revelada. Pouco a pouco, o môço triste vai emergindo do engenho Pau d'Arco, em cujos muros pranteou como o mais desgraçado dos mortais.

Quem primeiro levantou a ponta da cortina para revelação do obscuro drama passional foi Humberto Nóbrega, no livro que escreveu com o objetivo de mostrar que Augusto era um rapaz alegre e o mais afetuoso dos filhos de Sinhá-Mocinha. Entre numerosas negativas, deixa escapar esta afirmativa:

“Não é possível afirmar que Augusto tenha se conservado incólume ao amor. Possivelmente a perda da bem amada, que foi um ideal truncado pela morte, constituiu o episódio gerador de suas frequentes revoltas contra a religião de seus pais” (p. 163).

Mas foi Ascendino Leite, em seu livro *Passado Indefinido*, Editôra Itatiaia, Belo Horizonte, 1966, quem projetou mais luz no tenebroso mistério. Depois de referir-se em termos sumamente generosos ao meu ensaio sobre Augusto dos Anjos, que considera o mais importante documento literário já escrito em torno da obra e da personalidade do criador do *Eu*, dá-me a satisfação de registrar um depoimento que ouvira de Rocha Barreto, confirmando tudo quanto eu supunha haver acontecido no engenho Pau d'Arco.

Rocha Barrêto era um velho jornalista que sabia muita coisa da vida patriarcal da Paraíba. Narrou a Ascendino, quando êste ainda morava em João Pessoa e logo anotou em seu caderno de bolso, que Augusto dos Anjos fôra vítima, na adolescência, de um funesto drama passional. Apaixonara-se por uma môça que havia sido recolhida, como retirante, no solar do engenho Pau d'Arco. A mãe de Augusto, sabendo do romance, mandou retirar a môça, às escondidas, para um sítio das vizinhanças. Mas o rapaz veio a descobrir o esconderijo e usando de cautela passou a revê-la. Então Sinhá-Mocinha,

exasperada contra a môça que desencabeçara o filho, mandou aplicar-lhe uma surra por cabras de sua propriedade. Tão brutal o serviço feito, que a jovem de pronto abortou e logo morreu. (p. 44).

O romancista José Lins do Rêgo viveu larga faixa de sua vida no engenho Corredor, coisa de cinco léguas de distância do engenho Pau'dArco. Devia saber algo da vida do poeta, senão do seu drama de amor, pelo menos da tirania de Sinhá-Mocinha, no seu papel de mãe e de senhora de engenho. Em um depoimento que deixou consignado em *Homens, Séres e Coisas*, disse que Augusto dos Anjos esconde uma mágoa secreta, um rancor que não confessa, contra a própria mãe.

Agora, quem fornece uma prova das mais robustas é Ademar Vidal, o já comentado autor de *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*. Sendo amigo declarado da família do poeta e tendo recebido dados e informes dessa família, tudo quanto disser em desfavor dela deve merecer crédito. Por cinco vêzes deixa escapar filamentos da verdade sobre o drama íntimo que tanto transtornou a saúde mental de Augusto. Eis que assim fala textualmente:

Página 52: — “Poucos sabem dos terríveis sofrimentos de alma experimentados pelo poeta no engenho Pau d'Arco.”

Ainda página 52: — “O resultado foi que Augusto não pôde enfrentar o meio para dêle sair vitorioso: entregou-se à tirania doméstica.”

Página 79: — “Foi o grande drama passional vivido pelo poeta. Paixão mesmo. Por isso Dona Sinhá-Mocinha procurou agir enérgicamente. A môça teve de casar-se com outro, pois a sua condição social não permitia que o “autor do mal” realizasse seus desejos de com ela contrair matrimônio.”

Página 81: — “Sofreu Augusto as consequências violentas dêsse drama doméstico, tornando-se melancólico, retirado pelos cantos, o sono sem chegar com facilidade.”

Página 95: — “Foi portanto na adolescência que iniciou outra fase de vida intelectual, que coincidiu com os versos originários de suas íntimas relações amorosas com Amélia”.

Sòmente em dois pontos merece retificação o que disse Ademar Vidal nos itens acima transcritos: Primeiro — A môça não se casou com outro, pois morreu da surra que levou. Segundo — Não se chamava Amélia e sim Maria, como voltaremos a provar essa verdade. O nome Amélia foi invocado muito de propósito para gerar confusão, pois houve outro

caso de sonhos importância, que teria acontecido depois, quando Augusto já era rapaz de 20 anos.

\* \* \*

Devo agora explicar como descobri o drama passional de Augusto dos Anjos, sem sair do meu canto, sem perguntar nada a ninguém, apenas debruçado sobre o *Eu*, que retrata o poeta. Lá pelo ano de 1960 andava eu cogitando de fazer uma palestra sobre Augusto dos Anjos na Federação das Academias de Letras do Brasil. O tema me fôra sugerido por um confrade ilustre, que aceitei com temor, pois tão despreparado me achava para a execução da tarefa que nem o *Eu* possuía, livro que lera com arrebatado entusiasmo em tempos já muito distantes.

Adquirido um exemplar da obra, relanceei a vista sobre as composições, atento em anotar as passagens que bem dissessem da inquietação espiritual do poeta. Isto feito, iniciei o trabalho, mas logo me convenci que a colheita realizada não me abria nenhum caminho para a compreensão de tantas mensagens de angústia. Parecia ver, por entre os matizes estéticos, o *ego* do poeta e debater-se num desesperado caso de consciência. O *Eu* era todo ele um estertor de quem vivia em crise de consciência. De onde vinha então a dor que tanto angustiava o poeta? Que desgraça teria caído sobre ele que o fez ficar assim tão triste?

Na preocupação de encontrar uma centelha que clareasse a sombria trajetória daquele mundo subjetivo, tive de repetir a leitura e ao discorrer a vista por sobre *A Ilha de Cipango* fui tomado de uma sensação nova. Voltei a ler o poema com maior ansiedade e, limpando a vista, disse co-migo mesmo: houve um episódio de amor na vida de Augusto, de consequências dolorosas e foi desde êsse momento que ele se tornou tão triste. A partir da oitava estância do poema, eis que o poeta canta o seu idílio com tanta beleza emocional:

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio...  
Iríamos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,  
Banhei-me na água de risonhos lagos,  
E finalmente me cobri de flôres...  
Mas veio o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-se com o pano da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amôres!

Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do êrro.  
A tarde morre. Passa o seu entêrro!...  
A luz descreve ziguezagues tortos  
Enviando à terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amôres mortos!

E a treva ocupa tôda a estrada longa...  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.  
E como agora a lua cheia brilha!  
Ilha maldita vinte vêzes a ilha  
Que para todo o sempre me fêz triste!

Partindo do pressuposto de um amor sacrificado por ato de violência, não me foi difícil apanhar o tênué fio que me conduziria a outras descobertas. O primeiro ato do drama passional fui encontrá-lo em *Monólogos de uma Sombra*, quando o poeta, metamorfoseado em um sátiro, mostra o cancro do remorso que tem na consciência, desde que delinquia contra as relíquias do amor.

As alucinações tactis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das môscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência  
Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas de sangue na camisa!

O segundo ato, que ao bom observador poderá parecer de uma clareza solar, encontra-se no poema *As Cismas do Destino*.

Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-se as mãos rudimentares!

.....

Ah! Com certeza, Deus me castigava!  
Por tôda parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma fôrca especial que me esperava!

É bem possível que eu um dia cegue.  
No ardor desta letal tórrida zona,  
A côr de sangue é a côr que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memória.

No mesmo poema percebe-se a mágoa que não consegue abafar contra os que, ativa ou passivamente, concorreram para a destruição do seu sonho de amor.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a bôca muda  
A ganglionária célula intermédia.

Essa célula intermédia não era outra senão o fruto do seu infeliz amor. Todos os membros de sua família se mostram submissos a Sinhá-Mocinha, que delira em manias de grandeza e prepotência. Cresce ao poeta a revolta do espírito, porque a seu favor ninguém se manifesta capaz de tomar uma atitude.

Um outro quadro da tragédia entremostra os anseios de maternidade da pobre môça, de par com a ferocidade dos guerreiros priscos que metem as mãos nas glândulas da vítima, tudo por causa do humano orgulho e da mania mística de nobreza. Na impotência de uma revolta condigna, solta êste pungido brado, que bem retrata um aspecto da cena:

O instinto de procrear, a ânsia legítima  
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,  
O juramento dos guerreiros priscos  
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma  
Humano sofre na mania mística,  
A pesada opressão característica  
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra  
Forma a complicação dêsse barulho  
Travado entre o dragão do humano orgulho  
E as fôrças inorgânicas da terra!

De resto, para contar nítida a tragédia que enlutara a alma do poeta, aí está o memorável sonêto *A Árvore da Serra*, composição que é um quadro figurativo, de urdidura maravilhosa, onde a emoção da última agonia se plasma em retábulos do mais perfeito acabamento, grandioso pelo valor estético, maior ainda pelos valores dos símbolos que têm sido tão mal interpretados. Raul Machado, que fôra amigo de Augusto dos Anjos nos tempos idos da Paraíba, via nesse sonêto tôdas as delicadezas do lirismo e chegou a lamentar a vocação trágica do poeta, derrubando a árvore.

— As árvores, meu filho, não têm alma!  
E esta árvore me serve de empecilho...  
É preciso cortá-la, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pôs alma nos cedros... no junquinho...  
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,  
O môço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

Atentem os bons intérpretes para a expressão dêste verso:  
— “E quando a árvore, olhando a pátria serra”. Parece claro que não pode ser aplicada a um vegetal. A desventurada môça, que o poeta transfigurara numa árvore, é que podia olhar para a pátria serra, porque procedia de lá, da serra da Borborema, cujos contornos, em sua vertente oriental, se avistam da várzea do Paraíba, onde fica o engenho Pau d'Arco. Esta era a árvore que possuía a alma do poeta e que caiu aos golpes de machado bronco. A última expressão implica a idéia de violência. Por outro lado, um vegetal não podia servir de empecilho ao pai, que precisava ter uma velhice calma. E quando o poeta compara a môça a um junquilho entre cedros está a mostrar a sua condição humilde. O soneto *A Árvore da Serra* não é para ser entendido ao pé da letra.

A cada passo do *Eu* a gente encontra referências acerbas aos que contribuíram para a extinção do amor do poeta. É possível que Augusto, em sua vida de relações, guardasse mágoa de membros da família. Em *Asa de Corvo* lamenta-se de viver junto a essa asa, como a cinza que vive junto à brasa, como os Goncourts, como os irmãos siameses. Será a asa do urubu que pousou na sua sorte. Não, o urubu do soneto *Budismo Moderno* entra na composição como simples figuração do azar. Mas a asa com que êle faz o soneto acompanha-o de perto durante os doze meses do ano. Há ainda um outro elemento estilístico que merece consideração. Em todo o soneto o poeta fala na primeira pessoa, mas no último verso do primeiro quarteto diz que a asa cobre o telhado de “nossa” própria casa. A palavra “nossa” obriga a reconhecer que a casa tanto é do poeta como da asa.

No poema *Insônia* o poeta se concentra, na solidão da noite, para ouvir a voz da sua amada. Mas do sombrio palco do engenho Pau d'Arco apenas lhe chegam aos ouvidos os gemidos de um espírito noctâmbulo, que passa chorando. Que gemido é êste que o acompanha? Como a voz não lhe fala, lamenta-se de não ser puro, de haver caído no abismo, porque não soube sofrer a ruim paixão da carne.

Noite. Da mágoa o espírito noctâmbulo  
Passou de certo por aqui chorando!  
Assim, em mágoa, eu também vou passando  
Sonâmbulo... sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro  
No meu ouvido e que do meu ouvido  
Como um bemol e como um sostenido  
Rola impetuosa por meu peito a dentro?!

.....

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse,  
Depois de embebedado dêste vinho,  
Sair da vida puro como o arminho  
Que a cabeça dos velhos enbranquece!

Por que cumpri o universal dictame?!

Pois se eu sabia onde morava o Vício,  
Por que não evitei o precipício  
Estrangulando minha carne infame?!

Até aqui temos mostrado, com as palavras do próprio poeta, o desfecho infeliz de um drama amoroso que padeceu na mocidade, porque a sua história ele mesmo conta videntalmente no *Eu*. Mas há muita composição poética que ele não quis incluir nesse livro imortal.

Entre os poemas divulgados nos jornais da Paraíba e não incluídos na edição *princeps* do *Eu*, há um soneto com o título *Súplica num Túmulo*, que fôra estampado em *O Comércio*, de 18-5-1902. Esse soneto, que Augusto dos Anjos deixou esquecido, foi transscrito por De Castro e Silva no seu livro *Augusto dos Anjos — Poeta da Morte e da Melancolia*, Editôra Guaíra, sem data, p. 131. Finalmente reproduzido na 30<sup>a</sup> edição do *Eu*, p. 264. Vem a tempo de provar que a infeliz môça, vítima do seu amor, se chamava Maria e não Amélia, como pretende Ademar Vidal. Diante de um túmulo, que não fala, chora o poeta a sua desventura nesta comovida confissão de culpa:

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido  
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!  
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,  
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! e a minha voz estertora um gemido,  
E o lábio meu pra sempre apartado do teu  
Não há de beijar mais o teu lábio querido!  
Ah! quando tu morreste, o meu sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!  
— Irei agora, assim, pelo mundo, para onde  
Me levar o Destino, abatido e tristonho...

Perdão! e êste silêncio e esta tumba que cala!  
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me res-  
ponde...  
Perdão! e êste sepulcro imenso que não fala!

\* \* \*

Augusto dos Anjos continuará por muito tempo um tema dos mais sugestivos, face à sua poética emocional, que tanto desperta o interesse do leitor culto como do leitor comum. Tôda a crítica que vem sofrendo, quando não é apologética, é de restrição, nos moldes da velha orientação impressionista. Uma outra de cunho scientificista, fundada na psiquiatria, foi tentada sem proveito. Nenhuma resolvia o problema, porque o poeta tinha alguma coisa a mais por baixo dos enlaces estéticos, que não alcançavam os seus críticos.

Na Paraíba, sofreu restrições de alguns autores que jejuaram sobre as suas páginas. Cá fora foi igualmente combatido por críticos que o julgaram pelas aparências. Alguns não toleravam a agrestia da linguagem científica, sem levar em conta que essa mesma agrestia entrava musicada no *Eu*, em conúbio com o estado de arte. Outros, acostumados a uma poesia dulcurosa, gotejando lágrimas e preces, numa linguagem cantante, perfumada de sonhos voluptuosos, em noites românticas de luar, repugnava o jargão de uma poesia bárbara, impregnada de diluição biológica.

A sua obra foi, de início, mal recebida pela imprensa e o poeta tido como um homem de imaginação doentia, apreciado apenas nos aspectos de mais intimidade com a arte. Essa crítica de feição pessoal não melhorou muito no correr de 50 anos de evolução na literatura brasileira. Ainda hoje alguns críticos negam a Augusto o gênio poético, por questão de idiosincrasia literária. É o que se vê, em maior ou menor escala, em certos grupos que pontificam na literatura pátria.

Antônio Houaiss, cujo talento e cultura não estou aqui para contestar, mostra que não comprehendeu Augusto, no que escreveu sobre ele. Ao cabo de algumas divagações, nem sempre ajustáveis ao sentido de uma crítica que pretende ser estética, chegou à conclusão, mais que esquisita, de que Augusto apenas se mantém como poeta dos adolescentes, em crise típica de idade. Na realidade, Antônio Houaiss não é senão um crítico de canônica gramatical e a prova disso revela no gôsto que tem pelas tricas morfológicas e fonemáticas. E é um homem dêsse que aparece na 30<sup>a</sup> edição do *Eu*, tirada pela Livraria São José, tomando o lugar de um introdutor com melhor visão metodológica da crítica literária. No trabalho gramaticológico que escreveu sobre Augusto fez o elogio de Lêdo Ivo, que disse ter luzido com suas graças de entendido na factura poemática do poeta paraibano.

Esse senhor Lêdo Ivo, num artigo muito mal pôsto na *Revista do Livro*, n.<sup>o</sup> 20, viu no *Eu e Outras Poesias* apenas uma ruína de poemas bolorentos, que poderá, quando muito, despertar a atenção para um turismo literário, nunca, porém, para usufruição de frutos poéticos. E não satisfeito dessa barbaridade, acabou dizendo que Augusto montou os seus decassílabos em lugares comuns, frases feitas, idéias feitas. Não é preciso ir mais longe. O conceito citado basta para mostrar o critério intelectual do crítico, que mesmo assim é festejado por um outro corifeu da crítica como perito em luzir as suas graças de entendido.

Um poeta da personalidade de Augusto, cuja obra resulta de um quase estado de transe, não pode ser apreciado apenas no seu aspecto formal. Cumpre acima de tudo averiguar os valores de sua arte como veículo de outros valores, os seus conflitos interiores como força motriz de um poder criador. Ao lado da sensibilidade psicológica do autor, há que recorrer ao estudo da biografia, do meio social, das circunstâncias determinantes da criação literária, porque o que importa em Augusto é a interpretação de sua obra como reflexo de sua alma.

\* \* \*

Até na subtilíssima questão de escolas literárias as opiniões se dividem a respeito de Augusto. Para uns foi parnaliano, para outros simbolista, para mais outros permanece como não filiado a qualquer escola.

Tristão de Ataíde confina-o ao grupo dos parnasianos autênticos. Andrade Murici situa-o no simbolismo. Agripino Grieco deixa-o no ar, nem simbolista nem parnasiano. Desta mesma opinião participam Órris Soares, José Américo de Almeida e Alvaro de Carvalho. A. L. Nobre de Melo, não achando jeito de incluí-lo em qualquer daquelas correntes, filia-o ao scientificismo, que nada tem com as escolas literárias.

Sem nenhuma dúvida pretende Augusto para a sua poesia uma função científica em oposição aos princípios da filosofia escolástica e dessa fatalidade não podia fugir pelos complexos que trazia na alma e pelas relações que manteve com a filosofia naturalista.

O espírito do Parnaso, como é sabido, caracteriza-se pelo verso marmóreo, em apuros de forma, contra tôdas as avalanches da emoção. Já no simbolismo a idéia se manifesta de maneira quase sempre velada, associando as suavidades místicas ou estado d'alma à musicalidade das rimas. É para onde mais pende Augusto dos Anjos, que rompendo com o artificialismo da construção verbal, procurou ocultar o pensamento e dar orquestração às palavras, num movimento de interpenetração entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo.

Costuma-se dizer que Augusto dos Anjos recebeu influência direta de Cesário Verde, no que toca aos aspectos realistas, aos recheios patológicos, aos temas materialistas, em tôda a sua obra poética. Dessa opinião, já veiculada por alguns, fêz eco Martinho Nobre de Melo, mas não é fácil estabelecer o vínculo. Não há na poesia de Augusto ironias amargas nem devaneios bucólicos, mas gritos de revolta, de inconformidade e, embora faça da morte o ciclo dos seus poemas, não faz do naturalismo ateu o seu ancoradouro, como supunha Antônio Tôrres. Já em Cesário Verde o sentido de vida é destituído de inquietação interior, como se tudo se reduzisse ao problema de existir, ou melhor, ao problema de resistir à morte, que se aproximava dêle por via da tuberculose. Nada de preocupações metafísicas, de interesse por sua alma. Naturalista duro, exacerbava-se vez por outra em desamor a crenças religiosas e em fobia ao clero de batina negra.

Temos em Augusto dos Anjos um homem de pensamento e um homem de sentimentos, um poeta que amaldiçoa a natureza e um crente que se obstina na descrença. Não admite o sobrenatural, mas tortura-se em busca do Eterno. A natureza para ele é uma madrasta, e no entanto a humanidade vive dentro dela desde que o mundo é mundo. Só ele não encontra um lugar seguro, uma paz duradoura. Vive solitário a gemer sua dor. Falta-lhe a tranquilidade interior, porque essa felicidade lhe foi roubada desde que derrubaram a Árvore da Serra, a cuja sombra usufruía numa hora séculos de afagos.

As dúvidas do seu espírito estão manifestadas nas inflexões mentais de que anda cheia a sua obra. Nunca teve escrúpulos de proclamá-las. O mundo está povoado de seres estranhos e entre êsses seres estranhos sente-se um desamparado.

Um exemplo bem frisante dêsse estado d'alma, perseguido de alucinações, conturbado pelo medo, pela angústia, por toda sorte de recordações macabras, colhe-se no poema *Tristeza de Um Quarto-Minguante*, em que descreve as agonias de uma noite passada em claro, no engenho Pau d'Arco.

Não vou repetir o poema, mas quero sublinhar aqui, muito de passagem, a perspectiva do poema, no que se relaciona com o drama do amor.

O engenho Pau d'Arco é muito triste, frisa o poeta, o mais triste de todos os engenhos da várzea do Paraíba. Devia ser sómente para ele, porque já estive lá uma vez, aí por volta de 1935, e confesso que não vi nada de tão sombrio. Tudo quanto circundava a casa grande, já em ruínas, apresentava um aspecto de abandono. O engenho de fogo morto, a capela sem os santos, e como um emblema verde, pejado de reminiscências, o velho Tamarindo.

A única tristeza que me confrangia a alma era ver o quadro de coisas mortas, os maus tratos da casa grande, do engenho enorme, da capela, de todas as benfeitorias, não escapando sequer dessa desolação o memorável Tamarindo, a cuja sombra os animais de carga comiam a sua ração. O que fôra o engenho Pau d'Arco estava reduzido a terras de usina. Em vez de frutos no pomar e flôres no jardim, os muggos nas paredes carcomidas e a cana plantada até perto do terreiro da casa grande.

No tempo de Augusto, devia ser outro o panorama, possivelmente risonho e florido. Mas o poeta tinha razão para achar tudo aquilo sem nenhuma poesia. Ali revivia um drama que o fizera triste para todo o sempre. Ali estava sepul-

tada a sua alma. E por isso mesmo era ali que êle entrava em crise espiritual, produzindo as suas mais belas e emotivas composições.

Em *Tristezas de Um Quarto-Minguante*, o autor, na sétima estrofe, atormentado pela opressão que o esmaga, procura uma explicação para o seu estado de angústia:

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!  
Quem sabe se não é porque não saio  
Desde que, 6<sup>a</sup> feira, 3 de maio,  
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

Esses *Gemidos de Arte* foram escritos a 3 de maio de 1907, conforme a primeira edição do *Eu*. O poeta ficou em recolhimento, carpindo a sua dor, até que, numa segunda crise, escreveu o outro poema — *Tristezas de Um Quarto-Minguante*. Ambos foram produzidos em maio de 1907, embora na disposição do livro estejam muito afastados, com numerosas composições de permeio. São, todavia, os dois poemas que mais se aproximam pelo mesmo sentir, pela mesma mágoa estranguladora, pelos motivos secretos que tomam a mente do poeta em aberrações fantasmagóricas, pelo desejo que sente de esmagar-se contra uma rocha ou dissolver-se no semicírculo lunar. São, enfim, as duas composições que mais se interligam na ambência e se identificam na representação de um mesmo quadro de dor.

Em *Gemidos de Arte* o poeta procura o sol, porque precisa banhar-se de claridade, a fim de dissipar as trevas interiores. Vagueia pelos campos e pelas charnecas, onde ladra furiosa uma matilha de cães e gritam as marrecas. Anda a êsimo por caminhos ensolarados, através de côncavos vales. Vai até a casa do finado Tôca, onde viveu, sentiu e amou êsse homem pobre que carregava cana para o engenho. Por tôda parte busca um consôlo para o seu espírito, o espírito infeliz que nêle encarna, querendo flagelar-se com um tijolo contra a sarna que o crucia, à maneira de Jó, como no maravilhoso livro de Jó, na luta eterna entre o bem e o mal, até que, súbito, grita, num extremo de desespéro: — “e se grito é para que meu grito seja a revelação dêste Infinito que eu trago encarcerado na minha ‘alma’!”

Na segunda composição — *Tristezas de Um Quarto-Minguante* — é uma noite inteira que passa em claro no mesmo engenho Pau d'Arco, uma enorme opressão a esmagar-lhe a cabeça, a uma tontura sucedendo outra tontura, um pano

molhado de vinagre amarrado às têmporas, os grandes mèdos a aumentarem nêle a aberração dos sonhos dementes, a superstição de lençóis pendurados numa corda, que mortalhas lhe recordam, a assustar-se com figuras espetrais de bôcas tronchas, a ver coisas de apocalipse no triângulo escaleno do ladrilho, a contar e a recontar o número das telhas a chorar e a querer beber a água do chôro, a rolar pelo chão com as mãos enfiadas no tapete, inundado de suor, apesar da frialdade que sente no estômago. Tudo em seu derredor faz aumentar o pesadelo. A noite tôda nessa lancinante agonia, até que o sol bate nas vidraças e o tira daquele sepulcral martírio. Acalma-se um pouco, mas ainda assim passa o dia inquieto. A vida o exorta a sofrer, mas êle não pode mais, sua ruína é pior que a de Tebas. Preferia antes ser uma fatia de carniça, pendurada no bico dos abutres.

Uma das cenas mortificantes se passa durante o dia, a outra durante a noite. Enquanto o poeta está no engenho Pau d'Arco não tem sossêgo. Os seus tormentos são infindos. Nem ao menos podia desabafar-se contra os que o cercavam e o faziam sofrer. Na composição que se passa durante o dia — *Gemidos de Arte* — exausto de tantas torturas mentais, solta ao final êste brado de desespêro:

Sol brasileiro! Queima-me os destroços!  
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,  
De pé, à luz da consciência infame,  
À carbonização dos próprios ossos!

Está sempre a evocar o pai e sempre que o evoca usa expressões da maior ternura. Agora, que o pai é morto, junta essa mágoa a outras que o fazem infeliz: "Sem pai que me ame". Da mãe não diz uma palavra de afeto. Apenas duas vêzes se refere a ela, incidentemente, numa linguagem fria, destituída de afago. Quando toma o cuidado de guardar-lhe os sapatos e quando ralha com a ama de leite Guilhermina, porque furtava as moedas que o doutor lhe dava.

A causa de tôdas as suas constantes crises espirituais estava no drama do amor. Ora, sabemos que um amor frustrado passa, quase todo mundo tem disso alguma experiência, mas o amor que é sacrificado por duras penas transforma-se em chaga que jamais pára de sangrar. Leve-se ainda em conta a idade que tinha o poeta ao tempo em que se deu a ação e também o refinamento de sua sensibilidade moral, que raiava quase pelo estado de loucura.

A bem amada não ficou sendo para êle a graça iluminante, mas a vítima de sua ação delituosa. Não cuida, portanto, de trazê-la enaltecida, na posição de guia, como na visão poética de Dante, mas de salvar-se perante ela, de atenuar um pouco a culpa que macula a sua alma.

\* \* \*

*Monólogos de uma Sombra*, poema que abre o *Eu*, é o que a todos sobreleva pela concepção, pela originalidade e pela grandeza do engenho poético.

Os doutos em Augusto dos Anjos não se dignaram ainda de revelar a dialética de ação dessa soberba composição, cuja estrutura tentamos agora delinejar. Impossível compreender o poema sem compreender primeiramente a temática de sua estrutura. Analisá-lo estruturalmente importa em comprendê-lo integralmente, porque será entrar na posse dos elementos configurativos que constituem o processo mental de construção.

Compõe-se o poema de 31 estâncias, que em seu conteúdo apresentam cinco partes vinculadas pelas conotações que formam a unidade do contexto.

1<sup>a</sup> parte: 6 estâncias — preâmbulo e narração da Sombra

2<sup>a</sup> parte: 9 estâncias — a narração tem por objeto o filósofo

3<sup>a</sup> parte: 11 estâncias — a narração tem por objeto o sátiro

4<sup>a</sup> parte: 2 estâncias — retoma a Sombra a narração

5<sup>a</sup> parte: 3 estâncias — elegia de encerramento.

A Sombra não é ainda o poeta que fala. É antes a alma embrionária do poeta, o ser anímico que surge do plano subliminar e penetra o reino animal em forma de monera. Por aí vai até adquirir a consciência de alma. Iniciando a narração, eis que assim fala:

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Polipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segrêdo,  
Da substância de tôdas as substâncias!

Fundado na unidade cósmica do universo, vai o poeta buscar-se a si mesmo na larva que procede do caos telúrico e atravessando milhões de vidas, em sucessivas transformações, segundo a teoria evolucionista, identifica-se finalmente na alma humana, já integrada na existência social. Exatamente aí começa o drama da consciência, que é o drama da razão. E como quem traz uma vocação para a desgraça e um tropismo ancestral para o infortúnio, nenhuma beleza consegue ver na vida, antes, horrorizado de tudo, mostra seu nojo à natureza humana.

Chega-se à sexta estância e a Sombra pára de falar. Mas nesse passo, sem distorção da ordem pre-estabelecida na criação poética, surge o filósofo moderno, um mineiro doido das origens, que quer compreender a vida fenomênica das formas. Sobre êle versam nove estâncias, nas quais a filosofia e a ciência procuram unir-se à razão para mostrar ao homem que êle não passa de um animal putrescível. E a despeito de tudo, antevê o filósofo, numa quase visão divinatória, a energia intra-atómica liberta, o que, na realidade, é de espantar tenha ocorrido num môço de 17 anos, nos idos de 1901.

Após o filósofo, aparece o sátiro que, na sequência do poema, ocupa onze estâncias, a partir da décima-quinta. Ébrio de vício, sorvendo o odor das carnações abstêmias, traz os sentidos obliterados no gôzo da sensualidade. Mas de sua alma, na caverna escura, não tarda a despontar o cruel aguilhão do remorso. E no que toca ao remorso, que fere em cheio a caverna do sátiro, colhe-se da narração esta estupenda revelação, que é bem realista:

As alucinações tactis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das môscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência  
Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas do sangue na camisa!

No ponto em que o sátiro deixa o poema volta a Sombra a falar e fala em apenas duas estâncias — 27 e 28. Tendo em vista a construção laboriosa do poema, o reaparecimento da Sombra parece um tanto arbitrário. Francamente, não atino com a divisão dessa narração, aparecendo a Sombra no começo e no final do poema. Volta sómente para provar ao mun-

do odiento que a mais alta expressão da dor estética consiste essencialmente na alegria. E conclui dizendo que sente a dor de tôdas as vidas em sua vida anônima de larva. Seja como fôr, os quadros que descreve são harmônicos e se ajustam coerentemente ao fim desejado.

Até aqui o poema é rigorosamente estruturado. Já a imagem que aparece nas três estrofes restantes é desestruturada. Quem fala nelas é o poeta, que surge no plano da realidade existencial, liberto das transfigurações míticas que encarnara, ora na Sombra, ora no Filósofo, ora no Sátiro. Canta então numa como elegia panteísta do universo a canção da natureza exausta, que chora e ri da incoerência infernal de tudo quanto troveja massacres, de tudo quanto fere a sensibilidade da frágil criatura humana.

Poema de arquitetura, que oferece ao leitor uma perspectiva pluridimensional, *Monólogos de uma Sombra* só pode ser penetrado depois de conhecidas e identificadas as formas psíquicas que nêle se agitam e, em seu conjunto, representam uma mesma imagem, a imagem do poeta, que embora tripartida não quebra de modo nenhum a unidade temática.

A crítica estética nas muitas vêzes que já apreciou êsse poema não fez mais que desengastar as jóias de maior realce e com isso se dava por satisfeita. Repetia, assim, o autor, dando destaque aos trechos mais originais, sem cuidar de perceber o simbolismo linguístico, que é a força viva na relação imagística da obra de arte.

A interpretação que agora damos ao poema pode não ser ainda a última palavra em matéria de exegese, mas servirá certamente para mostrar uma perespectiva nova na difícil composição poética. Na pior das hipóteses, abre caminho para um melhor levantamento estrutural, coisa que nunca se fez, pois sem isso permanecerá obscura a decifração do enigma.

\* \* \*

Dizem que na noite do seu casamento, numa casa da antiga Rua Direita, esquina do velho Liceu Paraibano, já noite alta, quando o silêncio pesava sobre a casa e sobre a cidade, o poeta se levantou, como um alucinado por visões escatológicas, e a passos largos pelo alpendre da residência, compôs um poema pressago, a que deu o título de *Noite de um Visionário*. Referências a êsse fato ouvi muitas vêzes de pessoas idôneas, que conheceram de perto o poeta. Alguns ainda estão vivos. No entanto, Humberto Nóbrega e Ademar

Vidal, que tantas intimidades contam dêle, esquivam-se de qualquer alusão ao singular episódio, que todo mundo na Paraíba sabe ser verdadeiro. O poema a que me refiro de modo algum revela êxtase, mas sómente alucinação, volição de exílio, cenesthesia, de par com um realismo dos mais fortes, um realismo como nunca se mostrou nêle tão acentuado.

Número cento e três. Rua Direita.  
Eu tinha a sensação de quem se esfola  
E inopinadamente o corpo atola  
Numa poça de carne liquefeita!

— “Que esta alucinação táctil não cresça!”  
Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,  
Com a rebeldia acérrima dos nervos  
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva  
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem  
Minh'alma — este sombrio personagem  
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo  
Generalizações grandes e ousadas  
Traziam minhas fôrças concentradas  
Na compreensão monística de tudo.

Em estado de alucinação continua o poeta a passear pela varanda da casa e a compor mentalmente, num momento tão impróprio para isso. De olhar introspectivo, contempla a ínfima fauna que bolia em obscuros labirintos nas telúricas reservas da terra, a vegetalidade subalterna que os serenos noturnos orvalhavam, o reino mineral que dormia. Tudo lhe passa pela mente e tôdas essas formas que Deus lança no Cosmo pareciam pedir a êle um pedaco de língua disponível para a filogenética vingança. Ao cabo, volta a falar nêle o monista, que parecia suplantado pelo dualista, quando se elevara ao grande Deus.

Dedos denunciadores escreviam  
Na lúgubre extensão da rua preta  
Todo o destino negro do planeta,  
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas  
E eu — coetâneo do horrendo cataclismo —  
Era puxado para aquêle abismo  
No rodomoinho universal das cousas!

\* \* \*

O poeta, em suas altas lucubrações, ia compondo e guardando tudo na memória, como numa caixa registradora, de onde passava depois para o papel. Esse processo da criação mental era todo dêle. O que de melhor produziu foi nos momentos de angústia. Punha-se então a passear, tomado de tensão nervosa, como se estivesse em estado de transe. O mundo que o fazia sofrer abria-lhe as portas da alma para as composições de maior emoção estética. Depois que saiu da Paraíba, em 1910, sua musa empalideceu. Tudo quanto compôs a partir daquela data, além de pouco, perde muito em densidade emocional, comparado com o que produzira antes. No Pau d'Arco ou mesmo na Paraíba é que sua alma vibrava na revivescência do drama amoroso. A dor possessiva que tanto o amargurou em vida sublimou-o na mais bela criação poética, que é sem igual na nossa literatura.

\* \* \*

O nome de Augusto dos Anjos, já velho de tanto sovado por grandes e pequenos, continua nôvo para uma apreciação menos superficial. Alguns dos nossos letrados viam nêle um portentoso engenho, que embora usando uma linguagem científica, impregnada por vêzes de putrefação, fascinava pelo arrôjo da imaginação e pela musicalidade poética. Outros o encaravam com maior estreiteza de visão, não o aceitando sequer como lírico, dados os constantes gritos de imprecação.

Agora, o poeta parece que se aproxima de nós na sua verdadeira estatura psíquica. Abre-se uma nova perspectiva para as suas mensagens de angústia, carregadas de tanta emoção. Os fantasmas que eliminara em sua criação poética eram dêle, moravam nêle e enchiam o vazio de sua alma. Constituíam, por assim dizer, a fôrça propulsora do seu gênio criador. Sem nenhuma dúvida Augusto dos Anjos ocupa um lugar de destaque entre os maiores poetas do Brasil, pois não está ainda decidido a quem cabe o primeiro lugar.



Um necrófilo mau forçava as lousas  
E eu — coetâneo do horrendo cataclismo —  
Era puxado para aquêle abismo  
No rodomoinho universal das cousas!

\* \* \*

O poeta, em suas altas lucubrações, ia compondo e guardando tudo na memória, como numa caixa registradora, de onde passava depois para o papel. Esse processo da criação mental era todo dêle. O que de melhor produziu foi nos momentos de angústia. Punha-se então a passear, tomado de tensão nervosa, como se estivesse em estado de transe. O mundo que o fazia sofrer abria-lhe as portas da alma para as composições de maior emoção estética. Depois que saiu da Paraíba, em 1910, sua musa empalideceu. Tudo quanto compôs a partir daquela data, além de pouco, perde muito em densidade emocional, comparado com o que produzira antes. No Pau d'Arco ou mesmo na Paraíba é que sua alma vibrava na revivescência do drama amoroso. A dor possessiva que tanto o amargurou em vida sublimou-o na mais bela criação poética, que é sem igual na nossa literatura.

\* \* \*

O nome de Augusto dos Anjos, já velho de tanto sovado por grandes e pequenos, continua nôvo para uma apreciação menos superficial. Alguns dos nossos letRADOS viam nêle um portentoso engenho, que embora usando uma linguagem científica, impregnada por vêzes de putrefação, fascinava pelo arrôjo da imaginação e pela musicalidade poética. Outros o encaravam com maior estreiteza de visão, não o aceitando sequer como lírico, dados os constantes gritos de imprecação.

Agora, o poeta parece que se aproxima de nós na sua verdadeira estatura psíquica. Abre-se uma nova perspectiva para as suas mensagens de angústia, carregadas de tanta emoção. Os fantasmas que eliminara em sua criação poética eram dêle, moravam nêle e enchiham o vazio de sua alma. Constituíam, por assim dizer, a fôrça propulsora do seu gênio criador. Sem nenhuma dúvida Augusto dos Anjos ocupa um lugar de destaque entre os maiores poetas do Brasil, pois não está ainda decidido a quem cabe o primeiro lugar.

